





SYLVIA DAY

MARCA DA

DESTRUIÇÃO



Tradução
CHICO LOPES

COPYRIGHT © 2009, BY SYLVIA DAY
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2015

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação <?>
Revisão <?>
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa <?> | **SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Índice para catálogo sistemático:



1ª edição brasileira: 2015
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br



*Para os nossos soldados que estão servindo aos Estados Unidos:
Obrigada. Vocês são respeitados e profundamente apreciados.*

Para todos vocês em solo estrangeiro: Voltem para casa em segurança. Nós os amamos e sentimos sua falta.

Meu tempo no Exército foi profundamente enriquecido pelos soldados que cruzaram meu caminho. Da Companhia Foxtrot, 229º Batalhão de Inteligência Militar: Oglesby, Frye, Antonian, Doughty, Anderson, Edmonds, Calderon, McCain, Slovanik e Pat.

Christine: Você será sempre minha irmã do coração.

Amo vocês, caras. Nunca desistam.



Minha profunda gratidão vai para:

Minha editora, Heather Osborn, por me conceder o tempo de que eu precisava e por toda a torcida que ela faz por trás dos bastidores para apoiar esta série.

Nikki Duncan (www.nikkiduncan.com) pelo nome McCroskey e o entusiasmo por *Eva das trevas*.

Jordan Summers, Karin Tabke, Sasha White e Shayla Black por estarem sempre à minha disposição. *Vocês são excelentes, senhoras!*

Melissa Frain, da Tor, por gostar do primeiro livro o suficiente para clamar por este segundo.

Seth Lerner por violar uma das regras cardeais. Fiquei honrada.

Denise McClain e Carol Culver por me ajudarem com o diálogo em francês.

Giselle Hirtenfeld/Goldfeder, cujo primeiro nome eu dei a uma quimera neste livro. A verdadeira Giselle é um sonho com quem trabalhar.

Susan Grimshaw do Borders Group, Inc., de cujo sobrenome me apropriei para um lobisomem alfa. Longe de ser vilanesca (como meu Alfa se torna depois da perda de seu filho), Sue é uma de minhas heroínas. *Obrigada, Sue, por todo o apoio que você deu a mim e aos meus livros ao longo dos anos.*

Meu pai, Daniel Day, por sua ajuda no diálogo italiano. *Obrigada, papai!*

PRÓLOGO



PORTANTO, SE ALGUÉM MATAR CAIM, SOBRE ESSE ALGUÉM a vingança recairá sete vezes. E o Senhor colocou uma marca em Caim, a fim de que ninguém que viesse a encontrá-lo o matasse.

— **Gênesis, 4:15**

Anno Domini 2008

Classe R4AD08

Estudante/Origem:

Callaghan, Kenneth: Escócia

Dubois, Claire: França

Edwards, Robert: Inglaterra

Garza, Antonio: Itália

Hogan, Laurel: Nova Zelândia

Hollis, Evangeline: Estados Unidos

Molenaar, Jan: Holanda

Richens, Chad: Inglaterra

Seiler, Iselda: Alemanha

Número de Formados:

CLASSIFICADO

Número de Vítimas:

CLASSIFICADO

Status:

AGUARDANDO REVISÃO INTERNA



EVANGELINE HOLLIS DESPERTOU COM OS CHEIROS DO Inferno — fogo e enxofre, fumaça e cinzas.

Suas narinas arderam em protesto. Ela ficou ali, imóvel, desejando que seu cérebro se ajustasse às circunstâncias. Ao umedecer os lábios, sentiu o gosto da morte, o amargor cobrindo tanto sua língua quanto sua boca numa grossa camada. Seus músculos se mexeram numa tentativa de se esticar, e ela gemeu.

Que diabos? A última coisa de que se lembrava era de...
... estar sendo queimada por um dragão até tostar.

O pânico a atacou com a lembrança, rapidamente seguido por uma guinada dos pensamentos para a plena consciência. Eva saltou como uma mola de onde estava deitada, sugando o ar com tanta força que se tornou audível. Ela piscou, mas apenas a negra escuridão preencheu sua visão. Sua mão se estendeu para tocar seu braço, e as pontas de seus dedos encontraram ali a marca saliente. A Marca de Caim — uma triquetra cercada por três serpentes, cada uma delas engolindo a cauda da anterior. O olho de Deus preenchia o centro.

A marca queimava toda vez que ela usava o nome do Senhor em vão — o que era frequente — e toda vez que mentia, o que era menos usual; mas de vez em quando, necessário. Quando lidava com os lacaios de Satã, jogar sujo nivelava os poderes em disputa.

Onde estou, porra? Em sua posição aprumada, o fedor da fumaça se amplificava no ar. Ela franziu o nariz.

Será que estou no Inferno? Como agnóstica de longa data, Eva ainda lutava com os conceitos de Deus, Céu, Inferno, almas... Nada disso podia ser explicado racionalmente.

Além do mais, se existisse um Deus misericordioso e um Céu, ela deveria estar lá. Eva fora amaldiçoada com a Marca de Caim havia apenas seis semanas, e ainda não recebera o treinamento adequado de como matar Demoníacos. Mas durante esse curto período erradicara uma infestação de tengus, matara um Nix e derrotara um dragão. Ela também interviria com sucesso numa enorme nova ameaça aos bons — uma espécie de invenção que permitia que os Demoníacos se escondessem por algum tempo sob o disfarce de meros mortais. *E* conseguira que Caim e Abel trabalhassem juntos pela primeira vez desde meninos.

Se nada disso fosse suficiente para salvar sua alma, Eva iria tentar a sorte com o Diabo. Talvez ele tivesse um senso de justiça mais apurado.

Com a mente lutando para se dar conta do presente, o som de uma cantiga penetrou no nevoeiro dos pensamentos de Eva. Ela não conseguiu entender uma palavra, mas era familiar mesmo assim. A língua era o japonês; a voz, a de sua mãe.

A ideia de compartilhar o Inferno com sua mãe era estranhamente tão confortadora quanto assustadora.

As mãos de Eva se apertaram, hesitantes, testando a superfície lisa sob seu corpo, tentando discernir onde estava. Ela experimentou o cetim, como os lençóis de sua cama. Uma brisa fria tocou sua testa, e a sua visão explodiu em cores vivas. Eva foi sacudida pela surpresa de maneira violenta.

Estava em seu quarto, sentada em sua cama *king-size*. Como se seus sentidos houvessem sido silenciados, a batida firme das ondas na praia de Huntington Beach aumentara em volume. O ritmo tranquilizante se infiltrou pelo vestíbulo do terraço de sua sala de estar e trouxe um alívio bem-vindo.

Lar. Quando sua tensão se dissipou, os ombros de Eva relaxaram. Depois, teve um vislumbre pelo canto do olho que fez com que virasse a cabeça.

Erguendo os braços para proteger a vista da luz ofuscante, ela mal distinguiu a silhueta de um homem alado se erguendo no espaço entre as portas de seu armário de pinho descorado e sua cômoda. Eva afastou uma camada insolitamente espessa de lágrimas. Arriscou outro olhar para o anjo e descobriu que, mais uma vez, os realces de sua marca sabiam o que fazer quando ela não sabia. Seus braços se abaixaram. Eva podia vê-lo de maneira nítida agora.

O anjo era alto, com braços e pernas musculosos expostos por uma vestimenta sem mangas, semelhante a um manto, até a altura dos joelhos. O traje era branco e acinturado por um trançado castanho. As botas de combate pretas, com ferrões agressivos de alto a baixo, eram uma surpresa, bem como a perfeição absurda de suas feições. Seu queixo era quadrado e audaz, seu cabelo, escuro e preso numa trança desde a nuca. Suas íris reluziam como chama azul, e ele tinha uma expressão que a advertia de que devia manter distância.

O olhar dele baixou para o peito dela. Eva o imitou. Estava nua.

— Epa! — Agarrando a ponta do lençol, ela o puxou até o pescoço.

Miyoko Hollis, a mãe de Eva, apareceu à porta, com o rosto escondido pela montanha de roupas trazidas da lavanderia.

— Ei, você está acordada! — ela bradou, a voz temperada com um sotaque japonês.

— Suponho que sim. — Eva ficou tão feliz por ver a mãe que seus olhos arderam. — É muito bom vê-la.

— É, você diz isso agora. — Andando decidida em direção à cama com o passo ágil de uma enfermeira aposentada, Miyoko era um redemoinho compacto de energia, um furacão que sempre deixava sua filha exausta. — Você não moveu um músculo sequer por um bom tempo. Quase achei que estivesse morta.

Eva *estivera* morta mesmo, esse era o problema.

— Que dia é hoje?

— Terça-feira.

Outro cheiro desagradável

penetrou suas narinas, e Eva agitou a mão diante do rosto. Seu olhar descobriu a origem do aroma sobre a cômoda — uma varinha de incenso.

— Seja qual for essa fragrância — Eva resmungou, calculando que perdera dois dias de sua vida —, ela é bem ruim.

Miyoko foi até a ponta da cama e atirou a pilha de roupas ainda quentes sobre o acolchoado. Ela usava pijama Hello Kitty — calça de flanela cor-de-rosa e uma camiseta que tinha uma enorme cara da personagem na frente. Com seu cabelo preto preso em um rabo de cavalo e seu rosto irregular, parecia mais uma irmã que a mãe de Eva. Miyoko também agia como se fosse a dona do lugar, embora não fosse. Darrel e Miyoko Hollis moravam em Anaheim — terra da Disneylândia da Califórnia, e da infância de Eva. Ainda assim, toda vez que sua mãe a visitava, ela se flagrava lutando por sua casa como uma fêmea alfa em seu próprio território.

Eva observou a mãe passar pelo anjo sem sequer piscar. Ereto, com os braços cruzados, pernas bem abertas e asas dobradas, ele era impossível de ignorar...

A menos que não pudesse vê-lo.

— A aromaterapia ajuda na cura — Miyoko afirmou.

— Não quando cheira como merda. E por que está lavando minhas roupas outra vez? Eu gostaria que você apenas relaxasse quando viesse para cá.

— Não é merda. É camomila e jasmim. E estou lavando sua roupa porque estava empilhada. Não consigo relaxar numa casa bagunçada.

— Minha casa nunca está bagunçada.

Miyoko lavava as roupas toda vez que a visitava, a despeito do fato de que uma Eva de vinte e oito anos era perfeitamente capaz de lavá-las ela mesma. Não importava quão imaculado seu apartamento pudesse estar, sua mãe o limpava — rearranjando tudo a seu gosto no processo.

— Estava sim — Miyoko contrapôs. — Você tinha uma cesta abarrotada de roupas junto à máquina de lavar e uma pia cheia de pratos sujos.

Eva apontou para as cuecas, as camisas masculinas e as toalhas na pilha.

— Essas roupas não são minhas. E os pratos, muito menos.

Eva ficou pensando no que sua mãe faria se soubesse que lavava as roupas de Caim e Abel. Os irmãos atendiam pelos nomes de Alec Caim e Reed Abel agora, mas ainda eram os mesmos da lenda bíblica.

— Alec vem usando todas as toalhas e deixando suas roupas no chão do banheiro. — O tom de Miyoko era nitidamente repreensivo.

Nenhum homem era bom o bastante para Eva. Todos tinham algum defeito, não importava o quão pequeno fosse, aos olhos de sua mãe.

— E tanto ele quanto seu chefe pegam novos copos toda vez que se servem de uma bebida.

— Alec mora ao lado. Por que não vai bagunçar seu próprio canto?

— E você pergunta isso para mim? — Miyoko rugiu. — Eu ainda não sei por que Reed passa tanto tempo aqui. Não é natural. Ou por que seu namorado é executivo de uma corporação como as Indústrias Meggido, mas nunca o vi usando paletó e gravata.

A ideia de Alec usando roupa social fez Eva sorrir.

— Quando você é chefe de um lugar e é bom nisso, pode usar o que quiser. — Eva se esticou cautelosamente, e estremeceu com a persistente moleza em sua espinha. Depois, berrou: — Alec!

— Não grite!

— É a minha casa, mãe.

— Homens não gostam que gritem com eles.

— Mãe... — Eva soltou um suspiro de frustração. — Por que você se importa, de qualquer modo? Ele deixa as toalhas no chão do banheiro.

Isso era algo que também irritava muito Eva, mas ela não achava que tal atitude tornasse um homem inapropriado para um casamento.

— É falta de consideração — Miyoko se queixou. — E de higiene.

Eva deu uma olhada para o anjo, embaraçada por ele testemunhar a discussão. Seu olhar ardente fixou-se no dela, depois franziu o nariz.

— Mãe! — O tom de Eva soou mais urgente. — Leve esse incenso embora, por favor. Estou falando sério. Ele fede.

Miyoko resmungou, mas apagou a varinha.

— Você não é fácil.

— E você é teimosa, mas eu a amo mesmo assim.

— Está acordada — Alec interrompeu, entrando pela porta aberta do quarto. Encarou Eva com expressão insondável, seu olhar dardejando em sua direção à procura de alguma causa para preocupação. — Você me assustou, anjo.

Anjo. Era um apelido íntimo que apenas Alec usava. Toda vez que Eva o ouvia, seus dedões dos pés se enroscavam. A voz dele era suave como veludo e capaz de transformar a leitura de *Uma breve história do tempo* de Hawking numa experiência de gozo sexual.

Usando uma bermuda e camiseta branca, ele parecia mais excitante do que a maioria dos homens de *smoking*. Seu cabelo escuro era um pouco longo demais, e seu andar revelava um tanto de arrogância, mas não importava o que vestisse ou o quão displicentemente se movesse, ele parecia alguém que ninguém desejaria irritar. Era o caçador, o predador que havia nele. Alec matava para viver, e se destacava nisso.

Ele foi o motivo pelo qual ela fora marcada e era também o seu mentor.

Seu irmão Reed entrou no quarto atrás de Alec. Suas feições eram semelhantes o bastante para denunciar sua condição de irmãos, mas no resto eles eram tão diferentes quanto noite e dia. Reed preferia ternos Armani e cortes de cabelo rentes. Nesse dia usava calça cinza-grafite e camisa social preta aberta no pescoço e arregaçada nos punhos. Ele era seu superior.

Cada Mercado tinha um treinador, um mal'akh — um anjo — diretamente responsável por designar suas metas. Reed uma vez comparara o sistema de marcas ao sistema judicial. Os arcanjos eram os fiadores, Reed, o despachante, e Eva, uma caçadora de recompensas. Ela não era uma caçadora muito boa... ainda. Mas estava aprendendo e tentando.

Enquanto isso, Reed era responsável pelas suas missões e por assegurar periféricamente a sua segurança. Como seu mentor, a única responsabilidade de Alec — sob circunstâncias habituais — era mantê-la viva. Porém, Deus não tivera vontade de perder os talentos de seu mais estável e poderoso agente. Alec rompera um trato para estar com ela, e o resultado era que Reed passara a ter mais responsabilidade no tocante a Eva. Considerando a inflamada animosidade entre os dois irmãos, a coisa não ia muito bem.

— Bem-vinda de volta à terra dos vivos, srta. Hollis. — Reed esboçou seu sorriso arrogante, mas seus olhos escuros tinham uma incerteza que Eva achou enternecedora.

Ele não imaginava o que fazer com seus sentimentos por Eva. Já que estava numa relação com seu irmão, ela não podia ajudá-lo com isso. Eva, por sua vez, tentava não pensar nos seus sentimentos por Reed. Eis uma situação muito complicada. Sua vida já era um desastre de proporções bíblicas.

Os homens avistaram o anjo no canto. Ele permaneceu imóvel, e os dois irmãos fizeram uma ligeira medida em sua direção.

Por estar ocupada demais em olhar ferozmente para a filha, Miyoko não notou o gesto. Eva usava seu trabalho de decoradora como uma desculpa para as visitas frequentes de Reed. Até onde sua família sabia, ela trabalhava em casa quase todos os dias, e se Reed quisesse ver como estava o andamento do trabalho, dar uma passada por lá seria o melhor meio para isso. Mas Miyoko não acreditava na mentira. Para ela, todos os decoradores masculinos eram gays, e Reed não era gay, de jeito nenhum. Eva não fazia a menor ideia do que acontecia na cabeça de sua mãe, mas tinha ciência de que a óbvia animosidade entre os dois irmãos era alimento para suspeitas.

O sorriso de Alec aqueceu-a por dentro.

— Como se sente?

— Com sede.

— Vou lhe trazer um pouco de água gelada — Reed ofereceu.

Eva sorriu.

— Obrigada.

Alec se curvou e colou os lábios na testa de Eva.

— Com fome?

— Uma banana cairia bem. — Ela apertou-lhe o pulso antes que ele pudesse se afastar. — Eu tive um sonho. Um pesadelo. Fui morta por um dragão.

— Seu subconsciente está tentando lhe dizer alguma coisa — Miyoko interrompeu. — Mas você não poderia ter sonhado que morreu. Ouvi dizer que, se alguém morre em seus sonhos, acontece o mesmo na vida real.

— Eu acho que isso é um mito.

— Não há meio de saber. — Miyoko dobrava as roupas. — Se isso acontecesse com você, estaria morta e não poderia nos contar.

Alec sentou-se na beira da cama, observando Eva com um olhar alerta. Ele sabia que ela não podia dizer o que de fato desejava enquanto a mãe estivesse ali.

— Acabou agora — ele a tranquilizou. — Você está segura.

— Foi tão real... Não entendo como estou sentada aqui neste momento.

— Conversaremos mais tarde, depois que você tiver se alimentado. — Alec apertou a mão dela. Sua expressão tinha a doçura que ele demonstrava apenas para Eva. — Deixe-me ir buscar uma banana para você.

Ele saiu, e Miyoko voltou para a cabeceira de sua cama. Inclinando-se, sussurrou zangada:

— Ele briga com seu chefe. Por causa de *tudo*. Qualquer um imaginaria que são casados. Testosterona demais nesses dois. Cérebro de menos.

O anjo fez um ruído sufocado.

— Mãe... — Eva deu uma olhada no canto, e lhe pareceu que o anjo sofria. Era uma expressão que seu pai costumava ostentar.

Miyoko se endireitou e recolheu as roupas agora dobradas.

— Um homem *atencioso* levaria filtro solar para a praia. Não deixaria você se queimar.

Queimadura de sol na praia. Eva riu com desdém da desculpa. Quem dera estivesse acamada por algo tão simples!

— Posso contar nos dedos de uma das mãos os caras que eu vi levarem filtro solar.

— Um bom homem levaria — sua mãe insistiu.

— Alguém como papai?

— Claro.

— Nunca o vi usar filtro solar.

— Isso não vem ao caso.

— Achei que sim.

Eva amava seu pai, de verdade. Darrel Hollis era um velho menino do Alabama com um temperamento acomodado e um sorriso terno. E também era esquecido. Aposentado agora, ele se levantava de manhã bem cedo, via televisão ou lia, depois voltava para a cama após o jantar. A coisa mais inesperada que fizera fora se casar com uma estudante de intercâmbio estrangeiro — e Eva desconfiava de que sua mãe não lhe deixara muitas opções.

— Pare de namorar garotos bonitos — Miyoko advertiu — e encontre alguém estável.

Eva lançou um olhar para o anjo lá no canto. Ele suspirou e deu um passo mais à frente. Sua voz tinha uma ressonância tranquilizadora que nenhum mortal jamais poderia criar.

— Você quer replantar as flores nos vasos da sua porta da frente — ele sussurrou no ouvido de Miyoko. — Vá ao viveiro, depois para casa, onde passará o resto da tarde dedicando-se à sua paixão por jardinagem. Evangeline está bem e não precisa mais de sua ajuda.

Miyoko fez uma pausa, sua cabeça se inclinando ao absorver os pensamentos que ela supunha serem seus. O dom da persuasão. Eva não o dominara ainda.

— Deveria ir a um pedicure, ao spa também, mãe — ela acrescentou.
— Você merece isso.

Miyoko balançou a cabeça.

— Não preciso...

— Faça um pedicure — o anjo ordenou.

— Acho que farei um pedicure — Miyoko disse.

— Com flores pintadas nos dedões — Eva completou.

O anjo lançou uma olhadela para que ela maneirasse.

Eva estremeceu.

— Se a senhora quiser — ela emendou rápido.

Alec retornou com a banana. Pondo-se ao lado da cama, ele a descascou, hipnotizando Eva com a visão de seus bíceps flexíveis.

— Vou para casa — Miyoko afirmou, de repente. — As roupas estão prontas, a louça, lavada. Você está bem. Não precisa de mim.

— Obrigada por tudo. — Eva quis se erguer e abraçar a mãe, mas lembrou-se de que estava nua entre seus lençóis de cetim.

Miyoko fez um aceno de despedida e rumou para a porta.

— Vou me trocar e juntar minhas coisas, depois me despeço.

A voz de Reed ressoou pelo corredor e pousou sobre a pele de Eva como a carícia quente do sol:

— Deixe-me ajudá-la com isso, sra. Hollis.

Eva olhou para Alec, que voltou a se sentar na beira da cama. Em seguida, ela deu uma olhada para o anjo.

— Oi.

— Olá, Evangeline. — Ele deu um passo à frente. Suas botas pesadas não produziram som algum sobre o piso de madeira rija.

O anjo tinha um número excessivo de penas e parecia ter três pares de asas. Era muito mais que impressionante; era a criatura mais perfeitamente bela que ela jamais vira.

— Quem é você? — Eva perguntou, antes de dar uma mordida na fruta. O primeiro pedaço foi engolido quase inteiro, seguido de imediato por outro. Seu estômago roncou, reiterando que a marca queimava

uma tonelada de calorias, e se esperava que ela se mantivesse comendo com frequência.

— Sabrael.

Mastigando, Eva tornou a fitar Alec.

— Ele é um serafim — Alec explicou.

Os olhos dela se arregalaram, e Eva mastigou mais depressa, embaraçada por estar nua numa companhia dessas. Os serafins eram os anjos da categoria máxima, muito acima dos sete arcanjos que gerenciavam as operações diárias do sistema de marcas na Terra. Alec era um mal'akh — a categoria mais inferior de anjo —, assim como seu irmão. Eva era uma Marcada humilde, um dos milhares de pobres otários convocados ao serviço de Deus por pecados cometidos. Eles trabalhavam pela absolvição caçando e matando Demoníacos que sempre atravessavam a fronteira. Uma recompensa era conferida para cada vitória conquistada, indulgências que entravam na poupança das almas da marca.

— Posso me vestir? — ela perguntou, limpando a boca com a ponta dos dedos.

Alec se ergueu e pegou a casca vazia da mão dela.

— Sabrael não irá embora até que fale com você. Os Celestiais têm da nudez uma visão diferente da dos mortais. Diga-me o que você precisa e eu pegarei.

Eva apontou para uma roupa de praia que pendia de seu armário. Era feita de um pano felpudo azul-claro e incluía um capuz, mangas curtas e um bolsão na frente. Alec atirou-a sobre sua cabeça, e ela enfiou suas várias partes do corpo pelas aberturas apropriadas.

— Ok, Sabrael — ela começou, afastando o cabelo do rosto. — Por que está aqui?

— Melhor seria perguntar: Por que *você* está aqui, Evangeline? Devia estar morta.

Ela conteve um gemido. Mais um enigma. Parecia que todos os anjos falavam através deles, exceto Alec e Reed. Esses dois se expressavam de maneira tão grosseira que ela ficaria constantemente ruborizada se não fosse a marca, que impedia seu corpo de desperdiçar energia.

— Eu pensei que estivesse.

— E estava. Mas Caim afirma que você tem conhecimentos de que precisamos.

Eva olhou para Alec.

— Vocês me trouxeram de volta da morte para me interrogar visando extrair informações?

Os braços de Sabrael se cruzaram em frente ao seu peito descomunal.

— Você estava indo para um lugar onde não poderíamos lhe perguntar. Foi o único jeito.

O olhar dela se moveu em direção ao céu.

— Vocês não vão ganhar nenhum ponto comigo por isso! — ela bradou.

— Não está na posição de exigir que Jeová interfira a seu favor — Sabrael afirmou numa voz terrível.

— Você disse que nós deixamos escapar uma coisa em Upland — Alec interveio de pronto, seus dedos se entrelaçando nos dela.

A memória de Eva buscou por sua última missão — derrotar um Demoníaco num dos banheiros masculinos do Estádio Qualcomm. Alec a levava ao primeiro “encontro” dos dois — um jogo de futebol entre Chargers e Seahawks. Reed também fora, e dissera que era hora de testar sua instrução de aula em campo.

— Um lobo — ela murmurou.

— O quê?

— Eu a incumbi de lidar com um lobisomem. — Reed estava agora à soleira. Aproximou-se do outro lado da cama e passou uma garrafa de água gelada para Eva. — Um garoto. Negócio fácil.

— Só que não era um lobisomem — Alec retrucou. — E é mais que certo que não foi fácil.

— Mas havia um lá — Eva explicou. — Um dos garotos que nós avistamos na loja de conveniência em Upland.

Upland. Eva nunca mais pensaria na cidade do mesmo modo. Eles haviam sido enviados para lá numa investigação. Tal como os Marcados portavam a Marca de Caim no braço, os Demoníacos portavam “detalhes” que denunciavam as espécies a que pertenciam, e qual era a sua posição na hierarquia do Inferno. Algo como insígnias militares. Eles

também fediam a almas apodrecidas, o que os tornava fáceis de detectar. Quando Eva deparou com um Demoníaco que não portava detalhes e nenhum mau cheiro, ela e Alec sentiram-se no dever de descobrir de que forma isso era possível. E ficaram sabendo que um agente mascarante tinha sido criado, uma invenção que podia potencialmente ameaçar o equilíbrio entre bem e mal o suficiente para detonar o Armagedon.

A operação havia sido executada do lado de fora de uma construção em Upland. O lugar desaparecera agora, reduzido a estilhaços quando Eva empurrou um demônio da água para dentro de um forno aceso. Mas ficara a impressão de que o problema de origem ainda precisava ser debelado. O dragão era livre de fedores, uma condição possibilitada apenas pela camuflagem.

— Ele disse que o Alfa o enviara — ela prosseguiu. — Eles me queriam morta como retaliação pela morte de seu filho.

O rosto de Alec assumiu uma expressão enrijecida que gelou o sangue de Eva.

— Charles.

— O problema maior — ela disse logo — foi que o dragão que ele trazia junto não fedia nem tinha nenhuma marca.

— Deve haver mais agentes mascarantes em algum lugar — Reed comentou. — Uma pilha estocada ou um novo lote.

— Será que a camuflagem é permanente? — Sabrael sugeriu.

— Não, ela sai. Eu vi isso acontecer.

O olhar do serafim se moveu para Alec.

— Você também não sentiu o cheiro do Demoníaco?

— Eu lhe disse, não prestei atenção. — Alec continuava concentrado em Eva.

O músculo em seu braço se retorceu bem abaixo da marca, como se o machucasse, e ela percebeu de imediato o que ele estava fazendo: mentindo. A marca ardia quando pecados eram cometidos.

Virando a cabeça para olhar para Sabrael, Alec disse:

— Não fui treinado como mentor. Eu não sei como manter a atenção no alvo e em Eva ao mesmo tempo. Só sei como me concentrar nela.

Para trazê-la de volta das beiradas do Inferno, ele mentiu para alguém de poder. Um serafim. Ou talvez Deus em pessoa. Alec pagaria

por isso... de algum modo, algum dia. E agora estava mentindo outra vez. Por ela.

A mão de Eva apertou a dele com mais força até ficar com os nós embranquecidos, mas Alec não se queixou.

Miyoko entrou apressada de volta no quarto, seu olhar se estreitando à visão dos dois homens, um de cada lado da cama de Eva.

— Muito bem, estou pronta para ir.

Alec se ergueu para que Eva pudesse se levantar, mas ele a fez voltar quando ficou claro que ela estava zonha demais para completar o esforço. Eva estendeu os braços para um abraço, em vez disso.

— Quando você removeu sua cicatriz? — Miyoko quis saber, quando ela se curvou.

Seus dedos roçaram a Marca de Caim. Todas as cicatrizes de infância haviam sido removidas com ela. Seu corpo era um templo agora. Ele funcionava como uma máquina bem lubrificada — preciso e sem desvios como suores, coração disparado ou respiração difícil. Exceto quando se tratava de sexo. Então tudo funcionava de modo totalmente mortal. Ele tornava os orgasmos tão viciantes quanto uma droga, já que eram a única ocasião em que um Mercado poderia ficar “ligado”.

Eva franziu o cenho quando sua mãe não comentou nada sobre a marca em seu braço. A tatuagem de sua irmã mais jovem, Sophia, havia sido lamentada com a declaração: “Você era um bebê tão bonito...”.

— Eu tenho uma tatuagem — Eva disse, seca — e você está preocupada com um sinal na pele?

— Você tem uma tatuagem?! — sua mãe gritou. — Onde?

Eva piscou e fitou o braço. Então deu uma olhada para Alec, que balançou a cabeça.

Miyoko não conseguia vê-la.

A tristeza se abateu sobre Eva, prostrando-a. A barreira entre ela e sua antiga vida não era apenas metafórica.

— Foi só brincadeira — retirou o que disse, a garganta apertada.

— Foi terrível — sua mãe se queixou, empurrando-a de leve em recriminação. — Eu quase chorei.

Elas se abraçaram, e Miyoko se endireitou.

— Fiz um pouco de onigiri. Está numa vasilha perto da cafeteira.

— Obrigada, mãe.

Reed se moveu para a porta.

— Eu a ajudarei a carregar suas coisas para baixo, sra. Hollis.

Miyoko ficou radiante. O apartamento de Eva ficava no andar mais alto, e o estacionamento era subterrâneo.

— Puxa-saco — Alec resmungou, quando eles saíram.

Eva deu um tapinha nele.

— Ela precisa de ajuda.

— Eu ia ajudá-la, se ele não pulasse para cima dela.

Sabrael tossiu.

— Você vai caçar o lobo Alfa, Caim.

Houve uma pausa longa de silêncio atônito. Depois Alec disse:

— Eva está treinando.

— E ela vai continuar assim — o serafim assegurou. — A sala de aula é o lugar mais seguro para Eva ficar, mas você tem que ir.

Alec balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Você não pode separar um par mentor/Marcado.

— Charles Grimshaw está ligado à camuflagem do Demoníaco. O filho dele se encontrava no local onde produziram a invenção, e o dragão camuflado que matou Evangeline foi enviado em seu nome. Este é o momento para uma ação essencial. Ele deve ser abatido antes que cause mais danos. Seu acordo, Alec, foi que ainda executaria caçadas individuais ao mesmo tempo que seria mentor.

Alec passou as duas mãos pelo cabelo escuro.

— Assim que souberem que ela ainda está viva, vão persegui-la. Eva precisará de mim por perto para protegê-la.

— Raguel está em uso total de seus dons no momento. Duvido que até mesmo você possa oferecer melhor proteção que um arcanjo com todas as insígnias reais. Também não se esqueça de que está ganhando indulgências duplas por cada vitória. Matar um Demoníaco da importância de Grimshaw fará com que você alcance um progresso de muitos anos.

O queixo de Alec enrijeceu.

— E eu devo simplesmente dizer: “Sinto muito, anjo, estou cuidando de salvar minha própria pele, bem como você está cuidando de salvar a sua”?

Eva estremeceu.

— Tudo ficará bem — ela assegurou, o polegar roçando a sua palma de maneira tranquilizadora. — Não vai ser problema algum. Você e Reed podem fazer seu trabalho sem se preocupar. Todos sabemos que Gadara não permitirá que nada de ruim me aconteça, já que precisa de mim para intimidar vocês dois.

Reed, que acabava de voltar, afirmou:

— Isso não significa que não iremos nos preocupar. Você sempre consegue arranjar encrenca.

Ela quase argumentou que Gadara gostava de usá-la na hora de enfrentar os problemas só para irritar Alec, mas isso não faria com que se sentissem melhor.

— O que menos me agrada é que esta semana seja de treinamento de campo. — Alec olhou de relance para Reed. — Uma coisa é estar na Torre de Gadara. Outra é estar ao ar livre.

— O Forte McCroskey é uma base militar — Sabrael disse.

— Uma base *fechada*.

— Ainda conta com presença militar, e Raguel vai viajar com sua comitiva de segurança.

Eva franziu o cenho diante dos três homens.

— Do que vocês estão falando?

Reed explicou:

— Raguel está levando Marcados para o alto do norte da Califórnia. Há uma antiga base do Exército lá que ele gosta de usar para exercícios de campo.

Eva gemeu por dentro. Uma viagem de uma semana com uma classe de Marcados amadores ressentidos por ela ter o infame Caim como mentor e o altamente reverenciado Abel como treinador. Ela deduziu que a semana seguinte seria tão divertida quanto uma depilação com cera quente.

— O Alfa não vive no extremo norte da Califórnia? — Eva perguntou.

Alec fez que sim.

— Duas horas ao norte da base. O Forte McCroskey é perto de Monterey; o reduto de Grimshaw fica mais próximo de Oakland.

— Um trajeto de duas horas é bastante conveniente — Sabrael ressaltou. — Você poderia ter sido enviado em missão no outro lado do mundo.

— Não vai me convencer desse modo — Alec resmungou. — Mas levarei Eva até Monterey, depois seguirei em frente.

Reed sorriu.

— Eu ficarei de olho nela enquanto Caim estiver ocupado.

— Você tem um Demoníaco para identificar — Sabrael o lembrou.
— Os dois devem confiar que Raguel cuidará da segurança de Evangeline.

Eva suspirou.

— Alguém aí quer trocar de lugar?

— Sinto muito, querida. — Reed meneou a cabeça. — Não é possível cabular aula de Treinamento de Marca.

— Ela não é sua querida — Alec contrapôs, áspero.

Reed ergueu ambas as mãos num gesto de rendição que foi desmentido por sua piscadela maliciosa.

A hostilidade entre os irmãos aumentou ainda mais por conta da intimidade que Eva tivera com Reed no passado. O episódio acontecera antes da reentrada de Alec em sua vida, de modo que não usava isso contra ela. No entanto, dizer que ele não confiava que seu irmão se manteria afastado dela seria chover no molhado.

Alec olhou para Eva e suas feições se abrandaram.

— Você prefere caçar demônios reais a fingir caçá-los?

— Talvez eu tenha ressuscitado com uma personalidade diferente — ela sugeriu. — Como em *Os invasores de corpos*.

— Ou talvez você esteja irritada por ter sido morta e queira uma pequena revanche.

A boca de Eva se ergueu nos cantos. Como ele a conhecia bem!

— Mas se você for um clone, que é quase um zumbi — ele continuou — terá um grande gosto por corpos.

Um arrepio a percorreu. Uma piscada dele revelou que Alec notara.

— Mais um mês, anjo. Então, vamos destruí-los.

Mais quatro semanas de aula, uma das quais seria em campo. Eva suspirou. Estava definitivamente de volta ao mundo dos vivos.

O Inferno devia ter meios mais diretos de tortura.



— LAMENTO POR TAKEO.

Reed deu uma olhada para o Mercado que entrava na Torre de Gadara ao seu lado.

— Obrigado, Kobe.

Kobe Denner esfregou o rosto com a mão e praguejou em seu zulu nativo.

— Ele salvou minha vida uma vez. Eu ainda lhe devia essa. Takeo foi um bom Mercado.

— O melhor que eu tinha. — Vingar a morte do Mercado estava no topo da lista de tarefas de Reed. Mas primeiro ele precisava identificar o Demoniaco que praticara o ato; depois, estudar qual seria a melhor forma de derrotá-lo.

— Ouvi dizer que foi um tipo desconhecido de demônio quem fez isso.

— Sim, é verdade.

— Deve ter sido um imbecil para destruir Takeo.

— Eu nunca vi nada parecido. — A gravidade da situação era evidente no tom sombrio da fala de Reed.

— Merda! — Os olhos escuros de Kobe estavam tristes. Suas feições eram mantidas jovens pela marca, mas nada podia esconder o peso da

experiência que oprimia sua robusta constituição. Matar demônios cobrava um imposto terrível da alma. — Já é bastante ruim por lá.

— Vamos encontrá-lo e matá-lo. É o que sempre fazemos. — Reed estava grato por soar mais confiante do que se sentia.

Kobe parou ao lado de um dos muitos vasos de plantas que decoravam o átrio do saguão.

— Você acha que Takeo entrou?

Reed inalou profundamente, refletindo sobre a melhor resposta para a pergunta. Era uma questão comum entre os Marcados. Estavam trabalhando pela absolvição, e todos queriam saber se teriam acesso garantido ao Céu se perdessem suas vidas antes de poderem juntar indulgências em número suficiente.

— Ele mereceu — Reed respondeu.

Era a melhor resposta a dar que não constituísse uma violação do Decálogo, mas não era bem a resposta que Kobe gostaria de ouvir.

Ainda assim, o Mercado aceitou-a com um assentimento sombrio.

— Se você precisar de mim para alguma coisa, é só avisar.

— Avisarei. — Reed apertou a mão do Mercado, depois cada um foi para um lado.

Kobe rumou em direção à rampa recuada de elevadores que conduzi- am aos pisos subterrâneos, uma área restrita a Marcados, aliados e prisioneiros Demoníacos. Reed atravessou o vestíbulo cheio de gente para chegar ao elevador particular que o levaria direto ao escritório de Raguel Gadara.

Pelo menos uma centena de pedestres com as mentes voltadas para negócios congestionava o vasto espaço. Cinquenta andares acima deles, uma claraboia gigantesca iluminava o átrio e servia como um convite arquitetônico às bênçãos de Deus. O firme rumor de inúmeras conversas e o zunido ativo dos elevadores de tubos de vidro testemunhavam ao mesmo tempo a eficácia do projeto e a perspicácia de Raguel para os negócios. Na superfície, tudo estava bem nos quartéis-generais da firma norte-americana. Os mortais conduziam as transações ali, em abençoada ignorância do verdadeiro propósito de Gadara — a supervisão e o controle de milhares de Marcados.

Os sete arcanjos eram os responsáveis pela fundação das firmas no modelo secular. Raguel tinha um jeito especial para bens imobiliários, o que o ajudou a criar um império multibilionário e uma notoriedade que rivalizava com a de Donald Trump e Steve Wynn. As Empresas Gadara possuíam propriedades no mundo todo, de resorts em Las Vegas e Atlantic City a edifícios de escritórios em Milão e Nova York. Como um operador contratado pela firma de Raguel, Reed atravessara os vários corredores com tanta frequência que podia fazê-lo com os olhos fechados. Mas desde que marcara Eva ali, ele não conseguia fazer isso tão confortavelmente.

Sem querer, seu olhar se desviou para a porta do poço de escada que ocultava a plataforma para onde ele levava Eva. Lembranças dominaram seu cérebro numa série de imagens rápidas como rajadas de metralhadora. As recordações eram tão vívidas que Reed podia sentir as curvas luxuriantes sob suas mãos e sentir o perfume dela. Seu pau endureceu, e ele ajustou a calça para ficar à vontade.

— Maldito seja — ele grunhiu, tanto para Caim e Eva quanto para si mesmo. Precisava dela para ampliar suas ambições, mas não precisava admirá-la. Ou cobiçá-la.

Entrando no elevador, Reed socou o único botão que havia no painel. Houve uma longa pausa quando a câmera no canto focalizou suas feições, e depois o guarda de segurança na ponta receptora do mecanismo alimentador pôs a máquina em movimento. Subiu os trinta andares até o escritório numa questão de segundos, mas podia ter atravessado a distância num piscar de olhos. O teletransporte era uma dádiva concedida a todos os mal'akhs — exceto a Caim, que fora despojado dela. Ele escolheu tomar a rota secular mais lenta hoje a fim de ganhar o tempo necessário para recuperar o autocontrole. No momento em que as portas se abriram, sentiu-se preparado para lidar com Raguel.

Reed entrou no enorme e bem equipado escritório como se fosse seu proprietário. Uma escrivaninha de mogno rebuscadamente esculpida estava disposta no canto extremo, dando para a série de janelas no lado oposto. Duas cadeiras marrons de couro ficavam diante da escrivaninha, e um fogo eterno crepitava na lareira. Acima do console, um retrato de *A última ceia* tal como imaginada por Da Vinci trazia Deus para o espaço,

bem como o fazia o crucifixo que adornava a parede por trás da cadeira de Gadara.

O arcanjo em pessoa se erguia junto às janelas com as costas viradas para Reed. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos, e seu porte era majestoso e relaxado. O contraste entre seus trajes cor de creme e sua pele cor de café forte realçava belamente as duas coisas.

— Como está a srta. Hollis? — ele perguntou, sem voltar a cabeça.

Ajeitando a calça, Reed se acomodou na cadeira diante da escrivaninha do arcanjo.

— Recuperando-se e ostentando uma expressão corajosa.

— Caim não seria capaz de providenciar sozinho a ressurreição à srta. Hollis. — Raguel girou, afastando-se da vista de Orange County. — Você deve tê-lo ajudado.

— Ajudar Caim? *Eu?* — A boca de Reed se recurvou ligeiramente. Se havia ou não ajudado era coisa para só ele saber. O arcanjo ambicioso não precisava de mais nenhuma munição.

O sistema de marcas fora desenvolvido para que se trabalhasse de forma coesa, e já funcionara bem. ~~Agora, contudo, a corrida para agradar mais a Deus e com mais frequência é tanta que suas contrapartes levaram à discórdia e ao subterfúgio~~ entre os arcanjos.

— Não que eu me importe, é claro — Raguel assegurou. — Teria sido uma tragédia perdê-la.

— É um milagre que não tenha acontecido antes, considerando-se os desvios de protocolo a que ela foi submetida.

— Eva tem que demonstrar suas habilidades. Tem que ser melhor que seus pares, mais dura e mais rápida. Destemida. Seu trabalho com Caim sempre fará dela o alvo dos Demoníacos como Charles Grimshaw.

Os dedos de Reed se contorceram em torno das pontas dos descansos para os braços. Raguel estava usando Eva para avançar em suas próprias finalidades... e irritar Caim.

— Ela se tornou um alvo porque nós a tínhamos largado ao vento.

Era um ardil para o arcanjo ter Caim em sua equipe, e isso era possível apenas porque Eva estava designada para a firma norte-americana. Se acontecesse algo que a tirasse do domínio de Raguel, Caim — e todo o prestígio que ele trazia consigo — ficaria perdido também. O que era a

razão pela qual Raguel vinha arrastando Reed na confusão toda. Ele não contara que Eva pudesse atrapalhar seus planos.

— O que não matá-la vai fortalecê-la.

O estômago de Reed se revirou com a lembrança dela chamuscada e destruída no chão do banheiro.

— Ela já foi morta uma vez. Acho que piorar não pode.

— Seu sarcasmo está fora de lugar.

— O que espera, Raguel? Você pergunta se ela está bem quando é o principal motivo pelo qual foi morta.

O arcanjo suspirou audivelmente, um som delicado, mas repreensivo. Ele estava em seu elemento quando a classe se encontrava em sessão, a única ocasião em que era permitido a um arcanjo usar seus dons celestiais. O poder zumbia em torno dele, e o brilho divino lustrava sua aparência com uma incandescência dourada. Se Raguel quisesse, poderia estender as asas de pontas de ouro numa envergadura de dez metros. Mas lhe restavam apenas quatro semanas antes que seus alunos se formassem e ele ficasse mais uma vez preso ao seu disfarce temporal.

O treinamento de novos Marcados levava seis semanas, e os arcanjos se revezavam em seus serviços para que cada um pudesse desfrutar do poder concedido por Deus. O resto do ano o Senhor *sugeria* que eles vivessem vidas como os humanos, pois acreditava que os arcanjos seriam mais simpáticos aos Seus adorados mortais se padecessem das mesmas inconveniências.

Eles podiam escolher ignorar a sugestão, claro. Jeová era um forte defensor do livre-arbítrio. Mas havia um preço a pagar por toda transgressão. Considerando a acirrada competição entre os arcanjos, eles evitavam ao máximo se envolver em discussões inúteis ou mesmo perder tempo com pequenos contratemplos.

Raguel mudou de assunto:

— Temos que encontrar o Demoníaco que matou sua Marcada.

— Sim, temos. Há notícia de aparecimentos posteriores?

— Um, possivelmente. Na Austrália. — Raguel andou até a escrivaninha. Elegante em sua constituição, com o cabelo negro áspero salpicado de grisalho de propósito, o arcanjo não envelhecia como os mortais, mas era forçado a simular a passagem dos anos a fim de abrandar

desconfianças. No fim, esta encarnação de Raguel teria que morrer e renasceria como outra pessoa. Às vezes encaixar-se no papel de um descendente era possível. Em outras ocasiões, uma reinvenção completa era o único meio viável.

— Outro Marcado sumiu?

— Sim.

Um calafrio percorreu Reed. Nunca esqueceria a maneira como Takeo morreria. Não restara nada do Marcado, a não ser a pele pendendo dos galhos de uma floresta e balançando no ar noturno.

— Você não pode confundir a assinatura desse Demoníaco com nenhuma outra. Se ele for o mesmo demônio, lógico. Houve uma testemunha?

— Sim, o treinador estava presente na ocasião.

Mariel, outra treinadora sob o domínio de Raguel, fora a única dos Celestiais a vislumbrar o demônio. Apenas de maneira rápida, mas com tempo suficiente para ostentar um terror sobrenatural em seus olhos quando falou disso.

— Ele se lançou para dentro de minha Marcada — ela dissera. — Desapareceu em seu interior. Como ele pôde caber em seu corpo?

O que restou foi uma explosão de tecidos e peles em quantidades insuficientes para fazer um corpo. Aonde tinham ido parar os ossos e o sangue?

Reed expirou asperamente.

Raguel inclinou um dos lados do quadril contra a escrivainha.

— Talvez você e Mariel devam ir à Austrália e interrogar por conta própria o treinador de Uriel.

— Eu quero o Demoníaco, não relatos sobre ele.

— Não vai lhe tomar tanto tempo. Algumas horas, no máximo.

— Se você insiste, irei. Do contrário, não vejo por quê. — Mas a capitulação exterior de Reed veio com dúvidas interiores.

À parte haver perdido um Marcado para o monstro, ele não tinha nada a oferecer como ajuda. Colocar a mão na massa e trabalhar na investigação era obrigação dos Marcados. O dele era tão só conhecer as forças e fraquezas daqueles sob sua vigilância e incumbi-los de perseguições em que eles tivessem as melhores possibilidades de sucesso.

— Você não parece satisfeito — Raguel observou. — Pensei que ficaria.

— Por quê? Por que eu quero vingança pela morte de Takeo? Isso não trará meu melhor Marcado de volta. Posso apenas rezar para que meu testemunho tenha sido suficiente e ele esteja com Deus agora.

— Há outra coisa perturbando você, então. O que é?

— A coisa toda me perturba. A violência está crescendo. Agora há uma camuflagem por trás da qual os Demoníacos podem se esconder e há uma nova espécie de demônios ameaçando o equilíbrio.

— Nós não sabemos se há mais de uma.

— Três Marcados foram mortos em três semanas — Reed sentenciou. — Uma é suficiente. Quanto tempo você acha que levará para que Samael julgue o teste um sucesso e faça mais delas?

O Decaído estava sempre ansioso por explorar qualquer vantagem.

— Jeová nunca nos dá mais do que aquilo com que podemos lidar. Os Demoníacos não são os únicos que estão se aperfeiçoando.

Reed baixou a cabeça.

— Saber disso não está me ajudando no momento.

Raguel abriu o umidor em sua escrivania, retirou um charuto e o pôs entre seus lábios, sem cortá-lo ou acendê-lo. Ele não fumava, mas gostava do ato de segurá-los na boca por razões que Reed nunca captara.

— Você está enfrentando uma crise de fé? — o arcanjo perguntou, suas palavras articuladas em torno do charuto.

— Se esse Demoníaco continuar a matar Marcados ao ritmo de um por semana, será preciso recorrer a recrutamento, treinamento, orientação intelectual... só para manter nossos números. E se ele continuar levando nossos melhores e mais brilhantes, logo ficaremos apenas com novatos.

— Você pinta o mais terrível dos quadros, Abel, como se esse demônio fosse se misturar entre nós sem ser notado.

— É meu trabalho prever e prevenir.

— É por isso que acho que você deve acompanhar Mariel.

— Farei isso. — Reed se ergueu. — Vou convocá-la e nós partiremos.

Havia mais coisas que medidas preventivas por trás do pedido de Raguel. O arcanjo desejava que sua firma fosse a única responsável pela

identificação e derrota desse novo demônio. Ele não queria que Uriel, ou qualquer outro dos arcanjos, lhe roubasse esta honra.

— Vou reunir a classe e levá-los para o Forte McCroskey esta noite. Relate suas descobertas para mim quando eu estiver lá.

— Ótimo. Fique de olho em Eva.

Raguel retirou o charuto de sua boca sorridente.

— Claro. Ela é a estrela entre meus alunos.

— Por que ela já é boa? Ou por que você quer que seja?

— Eva é mais ou menos competente. — Raguel deu de ombros. — Ela poderia ser brilhante, se pusesse o coração nisso. Tal como é, apenas a determinação a impulsiona, e isso não é suficiente para alcançar o topo..

— Quantos novos Marcados põem o coração nisso? Eles são convocados a servir. — Reed passou a mão por seu cabelo curto, lembrando-se mais uma vez de que Eva não era de modo algum aquele tipo de mortal que costumava se tornar um deles.

Ela era e sempre fora agnóstica, e não havia cometido nenhum crime tão grave assim que justificasse ser Marcada. Sua única ofensa fora ser uma tentação para Caim; a reluzente e deliciosa maçã em seu jardim de demônios e morte.

— A srta. Hollis é diferente — Raguel disse, sua voz retumbante soando delicada pelo ar. — Os Marcados sempre vêm até nós com variados graus de fé entre eles. Eva não tem nenhuma, e se atrapalha justamente por isso, não tem fé. Outros deles encontram força em seu desespero por salvar suas almas; ela não tem essa ansiedade, e essa deficiência pode significar a sua morte.

Se Raguel não providenciasse isso primeiro.

— Os outros Marcados são hostis com relação a ela, Abel? Eva pode estar “se diminuindo voluntariamente” para evitar mais antagonismo.

— Nunca testemunhei nenhuma hostilidade. — A boca de Reed se curvou numa retorcida. — O que não significa que elas não existam.

Porque Eva estava ligada a Caim — uma lenda no campo tanto por sua taxa de morte de cem por cento quanto por sua autonomia —, era atormentada por aqueles que ficavam com inveja de sua “boa sorte”. Supunham que Caim fazia a parte do leão no trabalho e ela ficava por

perto apenas fazendo pose. Não se importavam em saber quão equivocados estavam.

Caim também mexera seus pauzinhos para manter Eva perto de sua família. Os Marcados, como regra, eram transferidos para famílias desconhecidas. Eles eram em sua maioria solitários que haviam se distanciado dos familiares e amigos ou não tinham nenhuma dessas coisas por uma série de razões. A sua ausência de laços emocionais fortes facilitava sua adaptação à vida de Marcados. Era inegável que isso criava uma cisão entre eles e Eva.

Mas Raguel cegamente — ou convenientemente — ignorava como os outros Marcados a tratavam.

— Só a mantenha viva enquanto eu estiver fora — Reed disse. — Isso não é pedir demais.

— Mantenha-se vivo *você*, Abel — Raguel respondeu. — Temos uma grande quantidade de trabalho pela frente.

Como se Reed pudesse se esquecer disso!

O Armagedon. Ele estava chegando. Não teriam que esperar muito.

ALEC ESTACIONOU O CHRYSLER 300 DE EVA EM SEU LUGAR reservado na garagem subterrânea da Torre de Gadara. Desligando o motor, ele a olhou e notou seu queixo rijo e sua postura tensa. Seu cabelo longo e escuro estava puxado para trás num rabo de cavalo, e seu corpo esguio, vestido com uma camiseta preta de algodão e bermuda cáqui. Alec estendeu os braços para pegá-la, massageando os músculos tensos de seu ombro.

— Você está bem?

Ela fez que sim.

— Mentirosa... — ele murmurou.

— Digamos apenas que eu preferiria ir acampar com uma turma diferente, se tivesse escolha.

A mão dele envolveu sua nuca e puxou-a para mais perto. Alec esfregou o nariz contra o dela.

— Sentirei saudade.

Uma batida impaciente sobre o porta-malas de Eva balançou o carro e atraiu a atenção dos dois para a janela de trás.

— Este não é lugar para perder tempo! — uma voz masculina gritou.

Alec ergueu seus óculos de sol, notando que o importuno era um do grupo de três pessoas que passavam. Era bronzeado, loiro, e parecia na casa dos trinta anos.

— Esse é Ken — Eva disse com bom humor.

Os olhos de Ken foram de um para o outro, arregalando-se com horrorizado reconhecimento. Ele logo se afastou, erguendo ambas as mãos num gesto de rendição. Tinha uma sacola de pano grosseiro pendurada num ombro e dentes brancos o suficiente para ofuscar.

— Desculpe, Caim. Eu não vi que era você.

— Cometeu um erro, seu idiota — um de seus companheiros resmungou, empurrando-o.

— Ken, é? — Alec sorriu. — Acaba de me ocorrer que ele se parece mais com uma boneca Barbie.

Alec saiu do assento de motorista e deu a volta pelo porta-malas. Abrindo a porta do passageiro, ele ajudou Eva a sair e perguntou:

— Qual é o apelido dele?

Eva tinha nomes específicos para todos os Marcados da classe. Ele pensava saber o motivo. Um apelido podia servir a dois propósitos: desumanizar um sujeito ou personalizá-lo. Alec suspeitava que o uso de apelidos por Eva era por causa de ambas as razões.

— Apenas Ken — ela disse —, já que ele se parece com um boneco Ken.

Pegando em seu cotovelo, Alec a conduziu em direção aos elevadores.

Eva lançou-lhe um olhar estranho.

— Está sabendo que Gadara não vai gostar de ser você a me levar para Monterey em vez dos outros, não é?

— Gadara poderia usar um de seus aviões para transportar a classe toda para lá. Já que ele não quer tornar a vida fácil para você, nós não iremos sair de nosso caminho para tornar a vida fácil para ele.

— Você continua violando regras por minha causa.

Ele deu de ombros.

Ela olhou para Alec de um modo que o fez sentir vontade de levá-la de volta para a cama.

— O lobo no banheiro me disse que você fez um trato por minha vida. E depois o violou.

— Você acredita em tudo que um Demoníaco lhe diz? — Alec não queria a gratidão dela. Não quando ele era o motivo pelo qual Eva fora marcada, para começar, e certamente não quando esperava que ela fosse aprender a gostar de ser uma Marcada.

— Obrigada — ela disse com uma ternura que o derreteu.

Os dois subiram pelo elevador até o nível do átrio.

Eva franziu o nariz.

— Não acho que algum dia irei me acostumar com o cheiro de tantos Marcados num espaço fechado.

— Você tem que admitir, é mais agradável que o fedor das almas apodrecidas dos Demoníacos.

— Sim, mas é demais. Fica difícil respirar.

A vegetação do átrio era exuberante, deixando o ar mais úmido. Isso intensificava o aroma doce que surgia quando mais de uma centena de Marcados se reunia. O efeito era agradável para Alec, tal como era a onda de energia que sentia quando estava cercado por eles.

Entrar numa firma era sempre uma corrida impaciente, não importa qual delas ele visitasse ou onde estivesse localizada. Seu coração batia forte com intensidade, e o ritmo cardíaco ficava acelerado, como se os outros Marcados compartilhassem com ele seu vigor. Mas os sentidos de Eva ainda eram muito sensíveis. Alec ficou pensando em quanto tempo aquilo iria durar. Já que ele nunca fora mentor nem tivera que ser treinado para a tarefa, não tinha nenhuma referência com que compará-la.

Cruzaram o vestíbulo de mármore para um corredor recuado onde uma série de elevadores privados os levaria para as entranhas do edifício.

— O que você sabe sobre este forte para o qual estamos indo? — Eva quis saber. — Alguma coisa?

— O Forte McCroskey foi fechado em 1991. Há ainda alguns serviços disponíveis: um comissariado e alguns abrigos familiares para os

estudantes de uma escola militar nas proximidades. Mas, fora isso, é uma cidade fantasma.

— Por que vamos para lá?

— Há um resto de infraestrutura suficiente para facilitar o treinamento. O Exército ainda a usa de vez em quando por essa razão e, já que nossa proposta é a mesma... a derrota de um inimigo através da força... ela serve às nossas necessidades também.

— Divertido.

Alec entrelaçou os dedos de Eva nos seus. A semana seguinte seria puxada para ela.

— Eu estarei de volta antes que você chegue a ter a oportunidade de sentir minha falta.

O semblante dela mudou do desgosto para a preocupação.

— Sou uma idiota. Reclamando sobre como aprender a me defender enquanto você está em missão.

— Ficarei bem. Você precisa apenas se cuidar.

Eva olhou-o de maneira analítica e cautelosa.

— Mas não vai ser fácil, certo? Ele tem lobos subordinados para protegê-lo; você está sozinho.

— Quando é fácil demais não tem graça.

— Eu bem que gostaria de me sentir assim. — Eva se inclinou contra o corrimão de metal que circundava o espaço do elevador e cruzou os braços. Era a sua pose de *você-não-vai-me-enganar*. — Você já fez isso? Perseguir um Alfa quando ele está em casa com seu bando?

— É fichinha.

— E agora, quem é que está mentindo?

Alec sorriu e olhou-a do topo da cabeça até as botas de combate em seus pés. Eva era o tipo de beleza exótica para o qual as pessoas olhavam mais que duas vezes. Pele macia, cachos de cabelos negros como breu, lábios vermelhos. Seu paraíso particular, seu refúgio dos rigores da vida.

Fora desejo à primeira vista dez anos atrás, e nada mudara desde então, a despeito de eles estarem separados o tempo todo. Ela era a sua maçã, sua tentação. Ele, a sua queda. Era uma base precária para um relacionamento. Os dois tinham bagagem, sentimentos feridos, remorsos. Eva

era o tipo de mulher com quem um homem se casava. Cerca de gradis brancos, crianças e um cachorro. Alec queria progredir como arcanjo e administrar sua própria firma.

As portas do elevador se abriram, e eles entraram no centro de treinamento. O andar todo fora dedicado a criar a melhor força de combate possível para os Marcados. Havia salas de aula com escrivatinhas, bem como cantos para meditação, linhas de tiro internas, salas de peso e estúdios de esgrima. Alec às vezes ficava para observar as instruções, impressionado com o nível de eficiência. Como o Mercado original, ele fora forçado a sobreviver por um triz. Alguns diziam que nascera para matar, fora feito para isso, e ele concordava.

Eva foi andando à frente até uma sala de conferência revestida de vidro. Quando entraram, a conversa morreu, e todos os olhares se voltaram para eles. Havia muitas pessoas ali, desde adolescentes a indivíduos de meia-idade, homens e mulheres. Alguns se sentavam em torno da longa mesa que dominava o centro da sala, outros se acomodavam em cima dela com as pernas balançando dos lados. Ken se servia de um copo de água do jarro prateado num console próximo. Todos olharam para Eva, depois deram uma espiada furtiva em Alec; exceto uma loira nas proximidades, que o avaliou audaciosamente da cabeça aos pés.

— Como se sente, Hollis? — perguntou um hispânico de cabelo escuro que trajava jeans e camisa de flanela abotoada.

— Bem. Obrigada por perguntar.

Quando Alec se juntou a Eva no fundo, devolveu um olhar a cada um que o encarava. Ela pulou para a borda da janela, suas pernas ágeis balançando e seus dedos curvados em torno dos lábios. Eles tinham os nós esbranquiçados, traindo sua inquietação. A tensão naquela sala era nítida, e isso o irritava.

Alec se inclinou para trás e cruzou os braços, encarando a sala em sua totalidade. Um desconfortável arrastar de pés se seguiu, e depois houve um retorno à discussão anterior.

Ken tossiu.

— Mal posso esperar para começar.

— Vocês dois são um par de estúpidos — uma pequena ruiva disse com escárnio, lançando o cabelo por sobre os ombros.

— Bem — Alec murmurou apenas para os ouvidos de Eva —, as garotas ficam facilmente definidas por seus apelidos, eu acho. A Garota Gótica especialmente. Estou supondo que a ruivinha seja a Princesa, já que está coberta de purpurina.

Eva sorriu.

— Eu sou tão colegial, não sou?

— Não é culpa sua que elas sejam tão identificáveis. Além do mais, eu gostei de você no colégio — ele ronronou, aludindo ao malfadado encontro que os trouxera até onde estavam hoje. Alec não podia se arrepender disso, e aproveitava todas as oportunidades para lembrá-la do motivo de ela não dever se arrepender tampouco.

Eva bateu seu ombro no dele.

— Pode adivinhar qual deles é o Sabichão? Esse é um pouco mais difícil...

Alec olhou ao redor. Havia sete pessoas na sala além deles mesmos. Já que havia identificado quatro dos Marcados, logo os excluiu — Ken, a Princesa ruiva com sua maquiagem de purpurina e brilho labial, a Garota Gótica com seu cabelo loiro pálido e feições perfeitas de duende, e a Manequim, cuja altura e figura esquelética eram a essência dos sonhos de uma supermodelo.

— O cara velho? — Alec deu um palpite. — Ele tem aquele tipo do Magneto.

— Você é mais velho que ele — Eva lembrou. — E não, ele é o Ratazana. Seu nome é Robert Edwards.

— Certo. Então é o cara de jeans.

— Ainda não.

Os olhos de Alec se arregalaram.

— O garoto? Você está brincando comigo!

Rindo, ela disse:

— Não, não estou. Ele é mais velho do que parece. Vinte e poucos anos. O nome é Chad Richens. Ele e Edwards são da Inglaterra, de modo que suponho que essa seja uma das razões pelas quais eles gravitam um em torno do outro. A outra razão é que Richens consegue elaborar os esquemas, mas não gosta de fazer o trabalho sujo.

— Como o quê?

— Como a vez em que ele fez Edwards trocar as baionetas de todo o mundo por outras com lâminas cegas, que havíamos usado no dia anterior. Nós todos trabalhamos duas vezes mais por causa disso, porque ele e Edwards eram os únicos a ter lâminas recém-afiadas. Foi ideia de Richens, mas Edwards foi quem na verdade fez a troca. Claire enlouqueceu quando Ken descobriu. Eu achei que ela iria ter um aneurisma.

— A Manequim?

— Sim, Claire Dubois, da França. Ela não é linda? Claire diz que não era nada bonita antes de ser marcada. Pelo visto, era uma viciada em metadona. Ela incendiou seu apartamento e matou o namorado ao fazê-lo, razão pela qual foi marcada. Claire é ainda extremamente tensa e muito irrequieta.

Alec analisou o adolescente.

— Como Richens está se saindo na parte física da aula?

— Não muito bem. Mesmo com a ajuda da marca, ele tem problemas com treinamento de combate, razão pela qual eu acho que tenta se safar de forma sorrateira. É um viciado em videogame. E é a estratégia que é seu forte, não os punhos. Ele também tem pavio curto. — Sua voz baixou: — Edwards me contou que o pai de Richens era arrogante. Eu acredito que ele carregue um pouco disso consigo.

Não escapou à atenção de Alec o quão bem Eva estudara seus colegas de classe a fim de entendê-los melhor. Era o sinal de uma caçadora natural. Matar não era um ato meramente físico. Era também cerebral.

— Deve haver algum potencial nele, ou Richens seria designado para uma posição fora do campo.

— Ele matou alguém. Não conheço os detalhes. Richens não fala disso.

— Matadores costumam acabar no trabalho de campo automaticamente.

— Estupidez — ela resmungou. — Acho que ele estar aqui é uma porra de um equívoco da parte de alguém.

— Cuidado com o que diz. — Alec lançou a ela um olhar reprovador.

As crenças de Eva eram só suas, e ele respeitava seu direito de tê-las, mas às vezes ela expressava suas opiniões de um jeito que era irreverente demais para ser seguro.

— Então, só nos resta agora o cara de cabelo escuro. Romeu, pelo que entendi.

Eva fez que sim.

— Antonio Garza, de Roma. Mas não é por isso que o chamo de Romeu. Ele tem uma paixonite por Laurel... e ser discreto não é seu forte.

— Qual delas é Laurel? A Princesa?

— Sim. Laurel Hogan. Romeu paquerou a Garota Gótica primeiro, mas ela diz que ele é muito gigolô para seu gosto. Romeu se deu melhor com Laurel, Não sei porquê. Se você quer saber minha opinião, Izzie tem uns parafusos a menos.

Alec analisou a loirinha com um olhar avaliador. Ela era esguia, pálida, seus olhos azuis contornados com kajal pronunciado, e a boca pintada de roxo-escuro. Ele a descreveria como “delicada”, a despeito de sua coleira e das algemas pontiagudas.

— Por que você diz isso?

— Izzie já puxou um canivete para quase todos nesta sala em algum momento. Ela não gosta de nenhum de nós.

— É um nome esquisito.

— Abreviação de Iselda. Iselda Seiler. “Izzie” fica melhor do que “Garota Gótica” para ela, eu acho. Como as outras garotas, seu apelido, que soa como (easy+ tranquila), é mais uma descrição do que qualquer outra coisa.

Alec notou o modo reservado com que Eva se referiu à outra mulher. Não que ele a culpasse. A loira vinha flertando descaradamente desde que ele chegara.

— Você não gosta dela.

— Não dou bola pra ela — Eva corrigiu. — Porém, Izzie com certeza tem alguma bronca de mim. Mais do que o resto da classe, e isso não é pouco.

— Há alguém com quem você se dê bem?

— Vejamos... — Eva deu de ombros. — *Eu não sou* de não me dar bem com ninguém, mas também não faço amigos. Só me mantenho discreta e fora do caminho.

Alec se virou para encará-la. Ele perguntava sobre suas experiências na classe todo dia, e Eva sempre encontrava um jeito de reconduzi-lo para

outro tema. Essa conversa de agora era a mais longa que ela compartilhara até então.

— O que Raguel acha disso? — Alec quis saber. — Aposto que ele quer você a par de tudo.

Ela fez uma careta de escárnio.

— Claro, assim ele pode me atormentar e salientar todos os erros que estou cometendo.

O queixo de Alec enrijeceu. Depois que resolvesse as coisas com Charles, ele lidaria com Raguel. Eva era dona de talento inato. Era uma ofensa que ela não soubesse disso porque o arcanjo se abstinha de elogiá-la.

Como se os pensamentos de Alec servissem como deixa para o arcanjo aparecer, Raguel entrou na sala flutuando através da porta de vidro, exibindo para todos uma pequena porção de seu poder. Estava vestido informalmente com calça larga de linho cor de anil e uma túnica, mas a intensidade que irradiava dele contradizia sua aparência externa de displicência.

Um breve sinal de entendimento foi trocado entre Alec e o arcanjo, e depois Raguel olhou ao redor para a sala de reunião. Sua voz lírica rolou pela sala como fumaça:

— Boa tarde.

— Boa tarde, *moreh* — todos o saudaram em uníssono, usando a palavra hebraica que significava “professor”.

Raguel franziu o cenho.

— Onde está Molenaar?

— Ele ainda não deu as caras — Ken respondeu.

Alec deu uma olhadela para Eva, tentando lembrar-se do colega de classe que estava ausente.

Os lábios dela formaram “o Drogado”.

Fazendo um sinal de assentimento, Alec meditou sobre a composição de estudantes na classe. Dois antigos viciados em drogas, um adolescente com poucas habilidades motoras e um senhor mais velho, muito provavelmente agarrado aos seus hábitos. Os Marcados vinham em todas as formas, tamanhos, passados e temperamentos. No entanto, apenas os seletos se tornavam caçadores, e não membros de bastidores com ocupações como assistentes pessoais ou coordenadores de viagens.

Eram Dubois e o drogado ausente que mais o perturbavam. Viciados penavam mais que todo o mundo para se acostumar com a marca. Além da perda de seus lares, familiares e amigos, eles também perdiam suas muletas. A marca era uma cura instantânea, que mudava o corpo de modo que as substâncias alteradoras não fossem mais efetivas. Alguns Marcados noviços ficavam loucos encarando a realidade. Eles não eram capazes de funcionar sem drogas em suas vidas comuns de mortais. Era impossível para alguns lidar com sobriedade num mundo extraordinário cheio de demônios que queriam matá-los.

— Vamos partir na hora estipulada — Raguel disse —, esteja Mole-naar presente ou não.

Eva ergueu a mão.

— Qual é o propósito dessa excursão de campo?

Raguel ampliou sua postura, cruzou os braços e escrutinou a sala com um olhar abrangente.

— Todos vocês carregam medo. Devem encará-lo e aprender a ver além dele. Vocês foram incumbidos de eliminar os mais vis dos residentes do Inferno. Os filmes de horror que viram no passado não são nada comparados àquilo que irão encarar diariamente. Eu os estou levando para um lugar onde o medo será seu companheiro mais íntimo. Vocês aprenderão a funcionar com tudo que têm de melhor quando forem confrontados com o que há de pior.

Alec sentiu Eva estremecer. Pegou sua mão e a puxou da borda do parapeito da janela. Seus dedos se entrelaçaram aos dela, uma oferta silenciosa de conforto. Dizer que ele se sentia muito mal por sua participação na marcação de Eva seria redundante, mas isso não era o pior de tudo. Alec não podia mudar o que se dera no passado. Podia, no entanto, mudar o futuro. Mas não vinha trabalhando nisso com tanto esforço quanto deveria estar.

Eva queria que ele a ajudasse a entender a marca, e Alec prometera que o faria. Mas o desejo dela de ser livre competia com a necessidade dele de mantê-la por perto por tempo suficiente para aprender o sistema de marcas da base até o topo. Era a melhor maneira de se posicionar como a mais óbvia escolha para dirigir uma nova firma. A ameaça Demoníaca estava crescendo, e mais Marcados eram necessários. Alec queria galgar

posição tão logo a expansão fosse concluída. E não podia fazer isso como o forasteiro que sempre fora. O andarilho, condenado a perambular. Devido a Eva, ele estava enfim estabelecido em um lugar, observando os Marcados desde sua concepção. Assim que completasse o treino de mentor, Alec teria experiência prática com todos os aspectos do sistema. Ninguém seria mais capacitado do que ele para liderar.

— A partir de agora, aprenderão a trabalhar juntos — Raguel prosseguiu. — Não estão competindo uns com os outros, embora alguns ajam como se estivessem. Vocês são uma equipe; seu objetivo é o mesmo. A perda de um membro enfraquece todos os demais. Quando nós terminarmos, estarão acostumados tanto a sobreviver quanto a ajudar seus irmãos a sobreviver também.

— Parece atraente — a Princesa, a srta. Hogan, disse.

— Sì. — Romeu piscou para ela.

Richens se mexeu desconfortavelmente. Izzie bocejou.

Edwards, entretanto, tamborilou com a ponta dos dedos sobre o topo da mesa.

— Eu estive no Forte McCroskey. O lugar é um depósito de lixo. Cheio de ervas daninhas gigantescas e formigando de vermes.

— Argh! — Laurel franziu o nariz. — Mudei de ideia.

— Eu vou proteger você, *bella* — Romeu falou arrastado.

— Vocês todos vão se proteger uns aos outros — Raguel corrigiu.

Ken esfregou as mãos.

— Podemos fazer isso.

— Tem Wi-Fi por lá? — Richens quis saber.

— Claro que sim. — Raguel sorriu, indulgente. — Todas as conveniências modernas. Não quero isolá-los completamente. A intenção desse exercício é simular situações de campo reais.

— Simular? — Os dedos de Eva apertaram os de Alec. — Os Demônios que vamos perseguir são simulados também?

— De certo modo. Suas presas serão Demônios reais. Não há nada na Terra capaz de imitar seu mau cheiro, de modo que temos que usar demônios de verdade.

Uma onda de risadas percorreu a sala.

— Mas eles trabalham para mim — Raguel prosseguiu.

— Uma pena isso — Ken resmungou. — Eu estava esperando que nós finalmente conseguíssemos chutar a bunda de algum demônio.

— Tudo tem sua hora, sr. Callaghan. Reúnam-se em torno da mesa, por favor. Vamos rezar pelo sucesso de nossos esforços antes de partir.

Os estudantes se levantaram, formando um grupo heterogêneo que fez com que Alec ponderasse sobre o futuro do sistema de marcas. Eva soltou a mão da dele e saiu da borda da janela.

As sobranceiras dele se arquearam.

— Vou lá para fora — ela sussurrou.

Izzie se aproximou.

— Vou com você.

— Eu preferiria que vocês duas ficassem — Raguel, que captara a conversa delas com sua audição celestial, bradou. — Juntem-se às preces conosco, isso não é discutível. Precisamos agir juntos em tudo.

Alec pegou Eva pela cintura e puxou-a de volta para si, dizendo uma prece pelos dois. Pelo modo como a sua sorte vinha se mostrando até aí, ele sabia que precisavam de toda a ajuda que pudessem obter.

NOTA DA AUTORA



PARA ALGUNS DEVERÁ FICAR CLARO QUE O FORTE McCroskey foi baseado no original Ford Ord, uma base do Exército na baía de Monterey, Califórnia. Eu o romanceei por liberdade de criação. O Instituto de Defesa da Linguagem e Escola de Pós-Graduação Naval, contudo, são muito reais. O IDL não apenas treina alguns dos melhores e mais brilhantes oficiais militares do mundo como também me conduz a uma das mais vívidas lembranças de minha existência. Meu padrasto o frequentava para aprender vietnamita com os Fuzileiros Navais. Anos mais tarde, eu o frequentei para aprender russo a serviço do Exército. E em anos posteriores, minha irmã o frequentou para aprender árabe para a Força Aérea. Como os tempos mudam!

Muitas línguas são ensinadas no IDL, todas na missão contínua de manter o Exército dos Estados Unidos como o mais poderoso do mundo.

Deus abençoe nossas tropas.

**EM BREVE, O TERCEIRO LIVRO DA SÉRIE:
MARCA DO CAOS**

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA <?> EM <?> DE 2015